LÉVY, Pierre (1997). **Cibercultura**. 3ª ed., 2ª reimpr.. São Paulo: Editora 34, 2010. 272p. (Coleção TRANS. Tradução de Carlos Irineu da Costa de *Ciberculture*, Éditions Odile Jacob, 1997.)

FICHAMENTO DE CITAÇÕES

Primeira Parte: DEFINIÇÕES (p.21-110)

1. As tecnologias têm um impacto? (p.21-30)

Este capítulo está dividido em 4 partes:

(a) *A metáfora do impacto é inadequada* (p.21-23)

(b) *"A técnica" ou "as técnicas"?* (p.23-25)

(c) *A tecnologia é determinante ou condicionante?* (p.25-27)

(d) *A aceleração das alterações técnicas e a inteligência coletiva* (p.27-29)

(e) *A inteligência coletiva, veneno e remédio da cibercultura* (p.29-30)

1.1 *A metáfora do impacto é inadequada*

1P: Lévy fala em "esclarecer o esquema de leitura dos fenômenos – a meu ver, inadequado – que a metáfora do impacto nos revela." (p.21)

2P: As técnicas não são alienígenas; pelo contrário, "é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (junto com linguagem e as instituições sociais complexas). É o mesmo homem que fala, enterra seus mortos e talha o sílex." (p.21) "[...] o mundo humano é, ao mesmo tempo, técnico." (p.22)

3P: "[...] a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria." (p.22)

4P: "É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. [...] Acrescentamentos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais." (p.22)

5P: "[...] a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual. Não há nenhum ator, nenhuma "causa" realmente independente que corresponda a ela." (p.22)

1.2 *"A técnica" ou "as técnicas"?*

7P: “De fato, as técnicas carregam consigo projetos, esquemas imaginários, implicações sociais e culturais bastante variados. Sua presença e uso em lugar e época determinados cristalizam relações de força sempre diferentes entre seres humanos.” (p.23)

8P: “A ambivalência ou a multiplicidade das significações e dos projetos que envolvem técnicas são particularmente evidentes no caso do digital.” (p.24)

“A dificuldade de analisar concretamente as implicações sociais e culturais da informática ou da multimídia é multiplicada pela ausência radical de estabilidade neste domínio.” (p.24)

9P: “O digital encontra-se ainda no início da sua trajetória. A intercomunicação mundial de computadores (a extensão do ciberespaço) continua em ritmo acelerado.” (p.24)

10P: “É impossível prever as mutações que afetarão o universo digita após o ano 2000.” (p.25)

“[...] quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos físicos, econômicos ou industriais anteriormente estanques, suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre.” (p.25)

1.3 *A tecnologia é determinante ou condicionante?*

“As técnicas *determinam* a sociedade ou a cultura?” (p.25)

“A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo *condicionada*, não *determinada*. Essa diferença é fundamental.” (p.25)

“[...] Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre alguma possibilidade, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser prensadas a sério sem sua presença.” (p.25)

“[...] Se, para uma filosofia mecanicista intransigente, um efeito é determinado por suas causas e poderia ser deduzido a partir delas, o simples bom senso sugere que os fenômenos culturais e sociais não obedecem a esse esquema. A multiplicidade dos fatores e dos agentes proíbe qualquer cálculo de efeitos deterministas. Além disso, todos os fatores “objetivos” nunca são nada além de condições a serem interpretadas, vindas de pessoas e de coletivos capazes de uma invenção radical.” (p.26)

“Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neura (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus “impactos”, as de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela.” (p.26)

“Contudo, acreditar em uma disponibilidade total das técnicas e de seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres, esclarecidos e racionais seria nutrir-se de ilusões. [...] Antes de nossa conscientização, a dinâmica coletiva escavou seus atratores. [... Há] zonas de indeterminação onde o futuro é decidido, grupos de criadores marginais, apaixonados, empreendedores audaciosos tentam, com todas as suas forças, direcionar o devir. Nenhum dos principais atores institucionais [...] planejou [...], previu, [...] anunciou o desenvolvimento da informática pessoal, o das interfaces gráficas interativas par todos, o BBS ou dos programas que sustentam as comunidades virtuais, dos hipertextos ou da World Wide Web, ou ainda dos programas de criptografia pessoal inviolável. Essas tecnologias, todas impregnadas de seus primeiros usos e dos projetos de seus criadores, nasceram no espírito de visionários,

transmitidas pela efervescência de movimentos sociais e práticas de base, vieram de lugares inesperados para qualquer "tomador de decisões." (p.27)

1.4 *A aceleração das alterações técnicas e a inteligência coletiva*

"[...] parece que [...] o digital [para o homem] seja desprovido de qualquer essência estável. Mas, justamente, a velocidade de transformações é em si mesma uma constante – paradoxal – da cibercultura." (p.29)

"Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem [...], melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecnossocial." (p.29)

"O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. É assim, por exemplo, que os organismos de formação profissional ou de ensino a distância desenvolvem sistemas de aprendizagem cooperativa em rede." (p.29)

1.5 *A inteligência coletiva, veneno e remédio da cibercultura*

"O ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento." (p.29)

"[...] o crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a esta inteligência um ambiente propício." (p.30)

Relata que surgem novas formas...

"de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela);

"de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais);

"de dominação (reforço de centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede, etc.);

"de exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo);

"e mesmo de *bobagem coletiva* (rumores, conformismos em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, "televisão interativa")." (p.30)

O desenvolvimento da inteligência coletiva tem como um de seus principais efeitos "acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecnossocial, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação." (p.30)

"Novo *pharmakon*, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um *veneno* para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um *remédio* para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes." (p.30)